

Encarnação: Introdução

Gordon Haddon Clark

Quando alguém pára para considerar — embora nessa era decadente e anti-intelectual, poucos parem para considerar algo de importância acadêmica e especialmente religiosa —, a Encarnação da Segunda Pessoa da Trindade foi um milagre estupendo, imponente e enigmático, sobrepujando em muito a fuga de Moisés pelo Mar Vermelho e até mesmo o caminhar de Cristo sobre o Lago da Galiléia. Alguém está interessado nele?

A população dessa era se divide em três grupos. O maior grupo contém aqueles que vivem para esportes e enchem os estádios com centenas de milhares nas tardes de Domingo. Entre eles há as mães que têm assassinado seus bebês, os viciados em drogas, e uma multidão de pessoas mais ou menos indescritíveis. A característica unificadora deles é uma indiferença a qualquer religião reconhecível. O segundo grupo, muito menos numeroso, inclui os liberais religiosos, que com sua Neo-ortodoxia controlam as grandes denominações “principais”. O primeiro grupo nunca ouviu falar da Encarnação; esse segundo tenta reduzi-la à mitologia. Agora, ignorando os católicos romanos por ora, mas somente por ora, o terceiro grupo, a quem ignoraremos mais completamente, é composto de secularistas explícitos, cujo cientificismo arrogante — não ciência — os leva a não ter nenhum interesse, mas somente ódio, pela Bíblia, por Cristo e pela Encarnação. Dificilmente digno de contar é um grupo de sete mil que não têm se ajoelhado diante de Baal, a quem Cristo disse: “Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o Reino”.

Esse pequeno grupo tem publicado algumas coisas da melhor forma que podem. Ocasionalmente alguns deles escreveram um livro de valor justo. Mas em geral, uma comparação entre a publicação cristã dos séculos dezesseis e dezessete (por exemplo, aquelas de Lutero, Calvino, Turretin, George Gillespie, John Gill, Owen, culminando na Confissão de Westminster) com aquelas do século vinte, restringindo nossa visão para os autores relativamente conversadores dos nossos dias,¹ indica tristemente a ignorância, a incompetência e a falta de interesse extremo em setenta e cinco por cento da verdade bíblica. Evidência para suportar esse comentário cáustico é facilmente descoberta se alguém examinar essas publicações

¹ O Cristianismo bíblico tem seus altos e baixos. Talvez sua era mais desolada não seja a Neo-ortodoxia moderna, mas antes, o século dezoito na Alemanha. Morto e sem influência agora, ele ainda é mais do que simplesmente uma curiosidade. Sua crueza pode, esperamos, nunca ser repetida novamente, mas sua devastação é uma advertência desastrosa àqueles que a conhecem. Reimarus (morto em 1768) acusou Cristo de rebelião, ambição e visões políticas. Vários outros explicaram seus milagres como sendo truques. Paulus explicou a ressurreição de Cristo sobre a teoria de que Jesus não morreu na cruz, mas meramente desmaiou. Rohr foi menos ousado. Ele retrata Cristo como um homem com um grande fardo, com educação e sabedoria, e elaborando a religião do Antigo Testamento, ele tentou produzir uma religião universal. Ele alegou que os milagres de cura foram o resultado de um conhecimento de medicina mais completo do que o dos médicos judeus. Mas até mesmo esses julgamentos gentis sustentam o cristianismo ortodoxo apesar disso.

religiosas populares desse século e descobrir a pobreza de material sobre a doutrina da Encarnação.

Quanto aos secularistas arrogantes, além vários cientistas competentes que se desviam nessa direção, umas poucas considerações podem ser permissíveis antes de despedi-los como contribuindo em nada para o tópico principal. Essencialmente eles são ateus e behavioristas.²

Negando a alma e usando a palavra *mente* para designar algumas atividades físicas pobremente definidas, eles naturalmente vêem a Encarnação como a superstição de uma era primitiva ignorante. Estivéssemos interessados principalmente em refutar esse cientificismo, seria necessário defender a existência da alma ou espírito. Platão fez isso muito bem em seu *Phaedo*, *Theaetetus*, e outros diálogos. Aparentemente, Agostinho foi o primeiro cristão a escrever um tratado com esse objetivo.³

Mas deixando de lado essas questões mais filosóficas, tomando por certa a existência de Deus e da alma humana, de fato aceitando a Bíblia como revelação inerrante da verdade divina, nos aproximamos do tópico principal: a encarnação da segunda pessoa da Trindade. A aproximação, contudo, requer o enunciado do problema. Visto que Deus é onipotente, a questão não é *como* esse acontecimento estupendo pôde ser possível, mas, antes, *o que* precisamente ele é.

As afirmações da Escritura são suficientemente claras até o ponto em que elas vão. No evangelho de João (1:14) lemos: “O Logos se fez carne”. João também disse: “Jesus Cristo veio em carne [...] todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus, mas este é o espírito do anticristo”. Paulo também, em 1 Timóteo 3:16, insiste que “Deus se manifestou em carne”. Quase todos os versículos dos evangelhos pressupõem a encarnação. Similarmente as epístolas de Paulo: Filipenses 2:6-8; também 1 Pedro 1:19, e por clara inferência, dezenas de outros.

Mas, (você percebe?) embora a *carne*, ou o corpo de Jesus, seja tão freqüentemente mencionado, esses versículos não dizem nada sobre sua mente ou alma. Que Deus quis nos impressionar com o fato de que a segunda pessoa assumiu um corpo é perfeitamente claro; mas ele também quis obscurecer o fato de o Cristo encarnado ter uma mente humana? Cristo ter assumido um corpo não causa nenhuma dificuldade para quem crê na Bíblia; mas entender como a segunda pessoa pode possuir a alma humana e ser uma pessoa humana (o que quase todos os cristãos ortodoxos

² Compare Clark, *Behaviorism and Christianity* (Jefferson, Maryland: The Trinity Foundation), 1982.

³ Agostinho defende a realidade da alma e sua superioridade sobre o corpo em *A Magnitude da Alma*. Embora uma obra primitiva, com alguma dependência embaraçosa de uma teoria peculiar dos estéticos, e, portanto, requerendo algumas correções em suas próximas produções mais maduras, ela contém alguma argumentação valorosa. O *Initiation à la Philosophie de S. Augustin*, de F. Cayre (Paris 1947) dá atenção insuficiente aos desenvolvimentos posteriores, e, por exemplo, toma *De libero arbitrio* como a declaração definitiva de Agostinho sobre o assunto.

negam), e como essa mente ou alma estava relacionada com a pessoa divina seja, talvez, o problema mais difícil de toda a teologia. Nenhum católico, calvinista ou ateu pode negar que a Bíblia ensina a encarnação. Mas a “empsicação” perturbou os pais da igreja por mais de quatrocentos anos. Os resultados de seus labores são, no máximo, incompletos. Todavia, não há melhor forma de começar o assunto que traçar sua história.

A pregação do Evangelho precisa de algumas declarações sobre quem Cristo era. Os judeus tinham vários conceitos discordantes a respeito da natureza do Messias vindouro. O problema se tornou mais agudo para eles na conversão. Os gregos não tinham qualquer conhecimento prévio sobre o assunto. Todavia, os primeiros cristãos tinham de dizer algo, e a igreja, tão logo quanto possível, responderia algumas questões pertinentes. Várias explicações foram tentadas, e hoje podemos fazer pouco progresso, ou nenhum, sem considerar os resultados negativos provenientes delas. Que, então, ou *o que*, então, era esse Cristo?

Mesmo antes da primeira e fundamental doutrina do cristianismo, a Trindade, ter sido esclarecida por Atanásio no *Credo niceno* de 325, com uma frase adicionada em 381, a controvérsia sobre a pessoa de Cristo já começara.

Essa controvérsia, cujos detalhes principais descreveremos um pouco mais tarde, foi esclarecida pelo Concílio de Calcedônia em 451. Embora cronologicamente a decisão do Concílio seja colocada fora de lugar nesse ponto, pode ser mais fácil seguir a história se já soubermos o resultado. Embora o texto do *Credo* possa ser facilmente localizado em qualquer biblioteca de seminário, ele será citado aqui integralmente por conveniência.

Todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade, perfeito quanto à humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, constando de alma racional [*psychēs logikēs*] e de corpo; consubstancial ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; “em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado”, gerado segundo a divindade antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria, mãe de Deus;

Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, conseqüentes e indivisíveis;⁴ a distinção das naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência [*en prosopon kai mian hypostasin*]; não dividido ou separado em duas pessoas. Mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor; conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos padres nos transmitiu.

⁴ O resto do Credo realmente contradiz esta última frase, por negar que Cristo era uma pessoa humana. Obviamente, algo que não é absolutamente um ser humano, não pode ser “em todas as coisas semelhante a nós”.

Note aqui também que o credo do Sexto Concílio Ecumênico, contra os monotelistas, em 680, adicionou a definição dogmática da posse de Cristo de duas vontades distintas — na qual a vontade foi considerada atributo da natureza, e não da pessoa.

A *Fórmula de Calcedônia*, entretanto, não foi citada meramente por conveniência. Ele é a fonte mais importante de informação sobre as primeiras teorias heréticas. Alguém poderia esperar que as obras freqüentemente volumosas de Eusébio, Cassiano, Cirilo de Jerusalém, Gregório de Nazianzo, ou até mesmo Hilário de Poitiers, contivessem análises detalhadas dos conceitos condenados. Mas esse não é o caso.

Qual, então, é a história da heresia que levou à *Fórmula de Calcedônia*?

Ela é um documento relativamente pequeno, do qual não pode esperar quaisquer explicações prolongadas. Mas se temos de entendê-la, explicações prolongadas são necessárias. A maior dificuldade é a imprecisão de termos como humanidade, alma racional, consubstancial, natureza, pessoa e subsistência. Até hoje os teólogos citam essas palavras sem explicá-las, e, suspeitamos que eles não as entendam. Ainda que cada uma deva ser definida, caso alguém deseje usá-las, o termo mais importante é o vocábulo *pessoa*. O que é uma *pessoa*? Como Cristo pode ser perfeito em humanidade, com uma vontade humana diferente da vontade divina, com uma alma racional “consubstancial” conosco e *verdadeiramente* homem, sem ser uma *pessoa* humana?

Para entender a declaração da *Fórmula*, deve-se começar por algum lugar. Deve haver um *pou sto*, um *point d'appui* [ponto de apoio], uma concordância básica ou um termo fundamental. De outra forma, afundaremos no oceano de ambigüidades. Nenhuma escolha é melhor que o termo niceno *hypostasis*. O mais antigo dos credos afirma que a Divindade é *mia ousia e tres hypostaseis*. O termo *ousia* é um substantivo participio do verbo *existir*; a tradução comum é *ser*. O cachorro é um ser, a rocha é um ser; mas se *ousia* significar simplesmente uma forma do verbo *ser, existir* [sou, és, é, ser], então, visto existirem sonhos, eles *são*: os sonhos são seres. Algumas vezes o termo *realidade* é usado. Mas sonhos, especialmente sonhos ruins, são reais: eles são sonhos ruins e reais. Platão afirmou que “idéias” são realidades: A “Idéia da Justiça”, a “Idéia de Homem”, a “Idéia de Cavalo”, e a “Idéia de Número” são realidades. Portanto, o termo *ousia* não é tão bom quanto o termo básico *hypostasis*.

Outra forma do verbo “existir” é *existência* ou *essência*. O termo pode ser útil, se definido. Para ilustrar: alguém vê uma nova máquina, ou um animal nunca observado antes, e pergunta: “O que é isso?”. Um amigo responde: “Este é um tipo de máquina ou este tipo de animal”. Nas conversas comuns a resposta é geralmente incompleta, mas se o amigo for um pouco inteligente, fornecerá parte da definição. A resposta completa à pergunta “O que é isto?” é uma definição. Agora, se os teólogos tivessem se contentado, ou sido capazes, de usar os termos de uma maneira não ambígua, grande

parte da confusão teria sido evitada. *Essência é definição*. A essência do triângulo plano é uma área delimitada por três linhas retas. A expressão “ele é da essência...” significa: ele é parte da definição. Desafortunadamente, muitos teólogos não dizem isso de forma explícita, mas o negam, não raro, mediante o uso. Na análise histórica, contudo, o autor deve reproduzir os erros grosseiros das pessoas citadas.

Uma dificuldade, um erro grosseiro, adivindo dessas discussões nas igrejas ocidentais é a tradução latina “uma *ousia* e três *hypostaseis*” por “uma *substância* e três *pessoas*”. Tivessem os latinos traduzido corretamente, nossos credos diriam agora que Deus é uma essência e três substâncias. Dizer que Deus é uma essência significaria que a Divindade, a despeito de quantas pessoas haja nela, tem uma definição simples. Nessa, ou sob essa, definição há três “substâncias”, pois *hypo* é *sub* ou *sob*, e *stasis* é *permanência* ou *posição*. Por agora, contudo, e apesar do fato que *hypostasis* no grego clássico ser intoleravelmente ambíguo (como mostraremos um pouco mais tarde), presumiremos que *hypostasis* seja o termo menos ambíguo pelo qual começar. Seja qual for seu significado, há três deles na Deidade.

Um dos problemas a ser enfrentado é a questão de o Jesus humano ser, ou não, uma *hypostasis*. Um estudioso relativamente recente argumenta que a personalidade é uma idéia alheia à Antigüidade, e foi inventada inicialmente por Descartes, como um “Ford modelo T” que trabalhara duro para se tornar um respeitável “Thunderbird”. Isso significa que muitas de nossas perguntas nunca passaram pela mente dos santos pais.

Mas antecipamos um futuro muito distante. Retornemos e vejamos as heresias que demandaram a convocação do Concílio de Calcedônia.

Fonte: *The Incarnation*, Gordon H. Clark.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Revisão: Rogério Portela

30 de Setembro de 2005